

Introdução

Todos os esforços para estetizar a política culminam em um só lugar: a guerra.

Walter Benjamin (1939)

Desde a primeira vez que li o ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamin, no início da graduação, fiquei impressionado e quis retomar as questões levantadas no texto para discutir como o cinema moldou a sociedade moderna e a percepção dos indivíduos que a constituem. O texto de Benjamin, publicado em 1935¹, fala sobre o impacto das mídias na arte e na experiência estética, e analisa como as artes são afetadas por um período dominado pela técnica. A obra se torna cada vez mais atual e suas reflexões nos auxiliam na tarefa de discutir sobre as alterações do sensível a partir da invenção do cinema e de como esse processo continua cada vez mais intenso na sociedade em que vivemos.

Nossa intenção em compreender as alterações que ocorrem na percepção humana com avanço da técnica foi o que provocou o início desta pesquisa e nos fez pensar sobre os conceitos analisados por Benjamin em *A obra de Arte*. A teoria Benjaminiana afirma que os avanços tecnológicos que modificam as imagens também alteram o modo como se vê o mundo. Nesse sentido, o cinema surge como elemento central das discussões sendo considerado ao mesmo tempo a expressão artística do Ocidente moderno e a ferramenta com a qual os indivíduos aprendem a observar o funcionamento desse cenário e desse novo cotidiano afetado pelas tecnologias. Em outras palavras, o cinema possui função terapêutica e didática. (BENJAMIN, 2012)

Benjamin pensa o cinema com certa ambivalência, para ele teria um caráter negativo e outro positivo, pois ao mesmo tempo que provoca a perda da aura e da tradição proporciona uma expansão da arte que agora consegue chegar às massas e transformá-las. O cinema é capaz de iniciar uma revolução na mente dos indivíduos

¹ Este trabalho utiliza a versão de 1939 do texto *A obra de Arte na Era de sua reprodutibilidade técnica* publicado no livro: *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem e percepção*. Cuja referência é: CAPISTRANO, Tadeu. (org.). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem e percepção*. Rio de Janeiro. Contraponto, 2012. 256 p.

devido ao caráter educador das imagens e funciona como um instrumento que ensina a sociedade as novas reações, percepções e atenções existentes no mundo moderno e que agora fazem parte de sua vida cotidiana. Tal característica didática e transformadora dá ao cinema o caráter de uma janela que revela ao indivíduo o mundo que o cerca, ou melhor, apresenta uma perspectiva sobre esse mundo ou ainda uma nova visão até então desconhecida que teria o papel de direcionar o olhar do espectador.

Através dos filmes, com seus diversos planos, velocidades, lugares e focos, observamos uma das principais características do cinema: a alteração na percepção e da sociedade, sendo através dessa mudança sensível que observamos o surgimento do conceito de inconsciente óptico, utilizado por Benjamin para analisar as experiências que se tornaram possíveis com a utilização da câmera. A imagem tem o poder de transformar o nosso comportamento e os nossos pensamentos, sendo assim, o cinema pode ser considerado uma arma política que influencia o inconsciente dos espectadores e aproxima as massas das manifestações artísticas, tornando-se um instrumento que pode promover reflexão e pensamento crítico nos indivíduos, tornando-os capazes de compreenderem e lutarem contra a exploração do operariado.

A análise sobre os conceitos de *aura* e tradição realizadas por Benjamin no ensaio nos ajudam a compreender valores importantes da modernidade que são determinantes para compreendermos o impacto da técnica nas obras de arte. Através dessa discussão são revelados conceitos como valor de culto e valor de exposição das obras de arte, que nos auxiliam na compreensão de uma expansão das artes. Para Benjamin, as obras de arte faziam parte de um ritual que deixaria de existir com a reprodutibilidade e, à medida em que se afastam do ritual, aumentariam as possibilidades de exposição. Sendo assim, as novidades técnicas que inauguraram o mundo moderno proporcionaram novas formas de reprodução e novas possibilidades de exposição da obra de arte. O ato de produzir cópias em qualquer lugar e a qualquer momento transforma o valor de culto à arte em valor de exposição. “A obra de arte reproduzida torna-se cada vez mais a reprodução de uma obra de arte elaborada para ser reproduzida.” (BENJAMIN, 2012, p.18)

A discussão em torno da perda da aura e da tradição continua na comparação feita entre o ator de teatro e o de cinema, pois enquanto o ator de teatro exhibe a sua

arte ao público, o de cinema o faz através de uma máquina que o testa, o transforma e modifica sua forma de atuação. A personalidade do ator seria transformada, pois este tem consciência da influência do mercado e do consumo na sua representação. Tal alteração provocaria o que Benjamin chama de “atrofia da aura” e teria como consequência o surgimento de um culto ao estrelato criado pelo capital cinematográfico para compensar essa perda da aura. O culto ao estrelato na teoria benjaminiana é associado ao culto ao líder dos governos fascistas e possibilita aos ditadores uma arma de dominação das massas.

“A reprodutibilidade técnica da obra de arte altera a relação das massas com a arte. Retrógradas diante de Picasso, elas se tornam progressistas diante de Chaplin”. (BENJAMIN, 2012, p.27). Progressista no caráter revolucionário do cinema, no seu poder de transformação e de expansão da obra de arte, no seu papel de agente que promove e estimula uma atitude reflexiva que possibilita uma alteração no campo perceptivo dos espectadores. Mas o cinema também oferece ao indivíduo uma terapia para os transtornos psiquiátricos e um estudo da realidade existente, sendo dessa forma uma arte que possui uma finalidade política e auxilia na construção de novos valores, comportamentos e pensamentos. Através do riso, de Chaplin, o cinema é uma cura para as psicoses coletivas e um ensinamento da realidade social.

Ao pensarmos a modernidade e suas transformações na sociedade através do cinema também utilizaremos como base do nosso trabalho o livro organizado por Leo Charney e Vanessa Schwartz, *O cinema e a invenção da vida moderna (2004)*, onde a modernidade é vista como um período de mudanças na experiência subjetiva e nenhuma das invenções que surgiram a representou tão bem quanto o cinema. O livro conta com textos de autores tais como: Tom Gunning, Jonathan Crary, Ben Singer, Miriam Bratu Hansen, dentre outros, que acreditam ter sido a cultura moderna, cinematográfica antes do cinema. Ainda segundo o livro os estudos da vida moderna podem ser enriquecidos quando lidos por intermédio do surgimento do cinema e em comparação a ele. (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004. p.18).

O cinema surge no final do século XIX e representa ao mesmo tempo uma característica e um elemento de potência da modernidade, ou seja, ele nasce no mo-

derno, intensifica-o e representa suas preocupações. Segundo Leo Charney e Vanessa R. Schwartz em *O cinema e a invenção da vida moderna*, nenhum produto resumiu as experiências modernas tão bem quanto o cinema, sendo este, a característica que representa a combinação mais completa dos atributos da modernidade (CHARNEY E SCHWARTZ, 2004, p.17).

Para Charney e Schwartz (2004) é possível dividir a modernidade e sua relação com o cinema, a partir de seis traços ou seis características definidoras. A primeira é o surgimento de uma cultura urbana, isto é a vida, os traumas, as neuroses, as novas formas de lazer e a velocidade de se viver numa cidade grande. Em seguida o corpo é colocado num lugar de atenção, estimulação e visão. A terceira característica é questão da coletividade e do surgimento de uma sociedade de massas, a quarta o crescimento e a fixação pela representação dos momentos desse que parecia um novo mundo constituído de distrações e sensações que tem como uma de suas consequências a invenção do cinema. A quinta e sexta características apontadas pelos autores são: uma indistinção entre representação e realidade e o surgimento de novas formas de diversão e de uma cultura material para saciar os desejos dos consumistas. (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p.19). O cinema representa o:

(...) produto e parte componente das variáveis interconectadas da modernidade: tecnologia mediada por estimulação visual e cognitiva; a reapresentação da realidade possibilitada pela tecnologia; e um procedimento urbano, comercial, produzido em massa e definido como a captura do movimento contínuo. O cinema forçou esses elementos da vida moderna a uma síntese ativa; ou, de um outro modo, tais elementos criaram suficiente pressão epistemológica para produzi-lo. (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p.27).

Desde seu nascimento, com os irmãos Lumière em 1895, o cinema já nos mostrava uma de suas principais características: a de ser um agente revelador de seu tempo, um construtor de memórias, histórias e visões de mundo. A exibição do primeiro filme pelos irmãos Lumière em 28 de dezembro de 1895, *A chegada de um trem a estação de Ciotat*, nos apresenta um outro elemento que junto ao cinema define a modernidade: o trem, relacionado a velocidade dos meios de comunicação, das trocas comerciais, da circulação de mercadorias e de pessoas. Também podemos afirmar que esses dois elementos (cinema e trem) promoveram aos indivíduos uma nova relação com o espaço urbano e com o tempo, provocando novas sensações e percepções que dialogam com o mundo moderno e sua velocidade.

A relação do trem e do cinema com a modernidade não está apenas no filme, mas no ato de assisti-lo. Quando o indivíduo ao assistir um filme olha para a tela e para a sucessão de imagens projetadas é como se estivesse observando a imagens pela janela de um trem em movimento. Nesta posição de observador o indivíduo é ao mesmo tempo anônimo e coletivo, isto é, assistir a um filme ou fazer uma viagem de trem é um fenômeno feito de forma coletiva na presença de outras pessoas, mas ao mesmo tempo as emoções com o filme ou com a paisagem acontecem de forma individual, no sensível de cada um. Jacques Aumont buscou refletir sobre a relação entre o tempo e o olhar e afirmou que o indivíduo reconhece o tempo de projeção do filme como sendo o seu próprio tempo. (AUMONT, 2004)

O cinema é a arte que surge da técnica e que possibilita o diálogo entre os indivíduos e a sua realidade, nossos estudos a partir da teoria Benjaminiana encontram um diálogo entre quatro elementos que determinam a modernidade: dominação da técnica, cinema, cidade e consumo, tais elementos devem ser pensados de maneira interligada. Tal conexão é compreendida da seguinte forma: o cinema só foi possível na modernidade, a experiência da cidade definiu os termos para a experiência de outros elementos da modernidade, a dominação técnica determina as formas como os indivíduos se relacionam e ao mesmo tempo observamos o surgimento da cultura de massas e da identidade relacionada ao consumo – ao transformar as relações sociais observa-se uma mudança na sensibilidade dos indivíduos e consequente alteração nas artes.

Percebemos, então, que o cinema é o elemento que guia o nosso trabalho e que é através dele que surgem as reflexões e os caminhos para um estudo sobre alterações na sensibilidade. Com o cinema torna-se possível estudar não só a modernidade como também a nossa realidade. Foi então que começamos a buscar filmes e autores que nos ajudassem a compreender o impacto da técnica e as mudanças de percepção nos indivíduos.

Primeiro, procuramos realizar uma reflexão sobre o surgimento do cinema e sua atuação como elemento difusor da modernidade. Tal início vai nos ajudar a encontrar as características que constituíam a modernidade e seu impacto na população, revelando as alterações sensíveis que ocorriam numa sociedade dominada

pela técnica. Este é o caminho do Capítulo I dessa Dissertação que nos ajuda repensar a modernidade e questões como: o estabelecimento de uma pedagogia do olhar; as alterações nas percepções dos indivíduos; as rupturas e continuidades do mundo moderno e sua relação com o contemporâneo.

Os filmes escolhidos para nos ajudar neste capítulo dialogam com a sociedade moderna, mais especificamente a cidade de Paris da segunda metade do século XIX, e com a sociedade atual. *Tempos Modernos (1936)* de Charlie Chaplin nos proporciona uma discussão sobre a modernidade e suas características e apresenta as principais mudanças econômicas, sociais e culturais que sofrem os indivíduos. Já o filme *1984 (1956)* de Michael Anderson promove uma reflexão sobre o cinema como uma janela para pensar o futuro, assim como em *Blade Runner (1982)* de Ridley Scott e o filme *Ela (2014)* de Spike Jonze. Este repertório nos ajuda a estabelecer uma discussão sobre o impacto das tecnologias no sensível dos indivíduos e sobre as rupturas e continuidades da modernidade.²

O empenho em discutir a modernidade serviu para elucidar o impacto das técnicas na percepção sensível da sociedade e proporcionou o ambiente necessário para continuar a dissertação no Capítulo II que aborda a vida (o cotidiano) na cidade moderna a partir do cinema. A modernidade exemplificada através da Paris do século XVIII representa o auge das transformações que ocorrem no período, nos revela o surgimento do cinema e possibilita a discussão sobre rupturas e continuidades que permeiam a sociedade atual.

A vida na cidade moderna, ou melhor, o caos da vida na cidade moderna, as grades construções, a velocidade, os novos meios de comunicação, os acidentes e as neuroses causadas por esse momento nos permitem pensar o quanto a cidade faz parte do projeto moderno e suas contribuições nas mudanças sensoriais que sofrem os indivíduos. Dessa forma, pensar modernidade também é pensar a cidade e refletir sobre como elas são representadas no cinema. Para Leo Charney e Vanessa Schwartz (2004) a modernidade não pode ser entendida fora do contexto da cidade

² Os filmes *Tempos Modernos (1936)*, *1984 (1956)*, *Blade Runner (1982)* e *Ela (2014)* escolhidos para a discussão da relação indivíduo e tecnologia são de tempos e realidades distintas e tais características serão problematizadas no Capítulo I: O Estatuto Moderno do olhar.

e a experiência da cidade definiu os termos para a experiência de outros elementos da modernidade. Segundo os autores:

A modernidade não pode ser entendida fora do contexto da cidade, que proporcionou uma arena para a circulação de corpos e mercadorias, a troca de olhares e o exercício do consumismo. A vida moderna parecia urbana por definição, contudo as transformações sociais e econômicas criadas pela modernidade remodelaram a imagem da cidade em plena erupção do capitalismo industrial da segunda metade do século XIX. (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 19).

Já para o escritor Italo Calvino, *As cidades invisíveis* (1990), a ligação entre cidade, memória e seus símbolos, nos faz refletir sobre a cidade que existe em cada indivíduo, as cidades construídas em nosso imaginário dependem de nossa formação cultural e as imagens que nos são impostas todos os dias dependem do nosso aparelho de percepção e recepção. Buscamos então, filmes que nos revelam cidades distintas e contribuem para a discussão sobre o impacto e os transtornos causados na percepção dos indivíduos. A relação tecnologia, cinema e cidade é presente em todos os filmes e eles nos apresentam as múltiplas experiências de se viver numa grande cidade e de como isso afeta a percepção e identidade.

O filme *Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual* (2011) de Gustavo Taretto, nos apresenta o sentimento de isolamento e solidão da vida nas grandes cidades. Em *Paris, Te amo* (2006) feito de forma coletiva por diversos diretores como Joel e Ethan Coen, Gérard Depardieu e Gus Van Sant, podemos discutir o imaginário e o real sobre Paris. No filme *Babel* (2006) do cineasta González Iñárritu a cidade é vista em constante transformação pelas tecnologias e pelo mundo globalizado o que provocaria uma crise na representação. Segundo Renato Cordeiro Gomes “a Babel aí encenada permite pôr em questão a crise da representação e dimensionar o choque de culturas, o drama multicultural, as barreiras territoriais, sociais, políticas e culturais da era da globalização”. (GOMES, 2008, p.1)

O estudo sobre as cidades nos ajudou a entender o cotidiano dos indivíduos que constituíam a modernidade, nos ajudou a compreender o surgimento de uma sociedade de massas. Ao observar que durante a modernidade surge uma cultura de massas podemos construir o Capítulo III do nosso trabalho que elabora uma discussão sobre o surgimento de uma sociedade de consumo e de o quanto os objetos definem nossa identidade e fazem parte de nossas vidas. O consumo é uma experiência da vida moderna e um fator importante na construção das sociedades e das

culturas, os bens são marcadores simbólicos que comunicam identidades. (MARY DOUGLAS; BARON ISHERWOOD, 2004).

Para discutir a sociedade de consumo selecionamos filmes que possuem em suas narrativas os objetos em lugar de destaque, pois a partir da nossa relação com os objetos, torna-se possível compreender o impacto que eles podem causar em nossa identidade. No filme *Violino Vermelho* (1998) de François Girard encontramos com personagem principal da história o objeto, o que nos ajudou a discutir a importância da coisa na história da sociedade. Em *Balzac e a costureirinha chinesa* (2001) de Dai Sijie trabalhamos com a transformação que o objeto pode causar nos indivíduos, através dos livros as pessoas são transformadas e moldam suas identidades. Já em *Uma Vida Iluminada* (2005) de Liev Schreiber podemos perceber a importância dos objetos na construção de memórias.

Em *A obra de Arte* encontramos diversos conceitos que vão nos auxiliar na descoberta da modernidade e seus impactos no sensível, sua discussão ao longo desta introdução tem por objetivos iniciar o debate sobre a alteração de sensibilidade pela dominação técnica e reafirmar sua importância para áreas de História da Arte, História do Cinema, Literatura e História da Cultura.

O cinema foi apresentado com seus pontos positivos e com seu caráter revolucionário de levar arte a todos, de promover reflexão nos indivíduos, de educar e de distrair, considerado uma arma política que pode influenciar a sociedade a lutar contra as injustiças e explorações. Todavia, Walter Benjamin, mesmo sendo um otimista em relação ao cinema e seu poder de revolução, acreditava que o mesmo poderia ficar nas mãos dos governos fascistas e doutrinar, educar e domesticar o povo e suas vontades.

Da mesma forma que o cinema atua como revolucionário, também atua como instrumento de controle e doutrinação. O medo de Benjamin ainda é real na nossa sociedade e somos invadidos, todos os dias, por todo tipo de imagem que possui alguma função formadora de um imaginário, que orienta o nosso modo de ver o mundo. Podemos dizer que vivemos um regime totalitário da imagem e que elas (as imagens) doutrinaram nossos corpos, nossa percepção e nossos sentimentos.

Nosso trabalho busca compreender, a partir da modernidade, o impacto da tecnologia na percepção e no sensível dos indivíduos. Através do cinema, considerado uma ferramenta educadora, iniciamos uma discussão sobre as transformações tecnológicas nas obras de arte e do quanto isso promove uma alteração na percepção. Partindo do ensaio, *A obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, para nossa construção teórica buscamos analisar o texto de Benjamin com filmes mais atuais numa tentativa de atualizar a discussão sobre invasão técnica nas nossas vidas.

A discussão torna-se necessária, pois a nossa sociedade foi invadida pela técnica, que hoje encontra-se em todos os momentos do nosso cotidiano, dormimos e acordamos com o celular conectado, acordamos com o despertador, tomamos café feito por uma máquina, o chuveiro aquece a água, a roupa possui acessórios que possibilitam medir nossos batimentos cardíacos, o carro nos guia por algum aplicativo, utilizamos um outro para escutar música, para fugir do trânsito intenso, o pedágio é pago por um sistema que cola um adesivo no carro e libera a cancela, andamos de barcas, metro, avião e todos eles possuem uma televisão para que alguma imagem nos distraia, trabalhar sem um computador é praticamente impossível, nos relacionamos com amigos pelas redes sociais e encontramos o amor via aplicativos e outras ferramentas. A técnica dominou nossas vidas e mudou nossa percepção, atenção, desatenção e sensibilidade, sendo o cinema a ferramenta que vai nos ensinar a viver neste mundo.

A cada dia surgem mais filmes que tentam nos mostrar o quanto estamos dependentes e dominados pela técnica. Os filmes escolhidos neste trabalho nos ajudam a compreender quais transformações acontecem na sociedade em decorrência dessa invasão da técnica, abordando os elementos que definem a modernidade: dominação da técnica, cinema, cidade e consumo. Tal discussão feita em 1939 por Benjamin torna-se atual e nos faz pensar se existiu mesmo um rompimento com a modernidade ou se continuamos a vivê-la. Através do cinema buscamos realizar a atualização dessa discussão promovendo reflexões sobre a sociedade atual e reafirmando o caráter revolucionário do cinema que pode ser visto como uma arma contra o regime fascista das imagens.